

BR-174: A triste realidade dos índios waimiri-atroari na Amazônia

REPORTAGEM E FOTO DE PÉRIQUES PERRUCCI

Na sequência desta série de reportagens que objetiva mostrar a realidade da mais importante estrada de Roraima, que liga Manaus a Boa Vista através de 850 quilômetros dentro da Selva Amazônica, um aspecto fundamental é a Reserva Indígena Waimiri-Atroari, recentemente demarcada pelo governo federal. Por decreto do presidente José Sarney, já publicado no Diário Oficial da União, a área da reserva é de dois milhões e quatrocentos e quarenta mil hectares, para uma população indígena não superior a 1.000 pessoas.

A Reserva Indígena Waimiri-Atroari tem início na ponte sobre o rio Alalaú, exatamente na divisa entre o Território de Roraima e o Estado do Amazonas. Neste ponto termina a jurisdição do governo do Território sobre a rodovia BR-174 e começam os atoleiros maiores que resultam nos problemas que o Amazonas deve resolver para manter a estrada trafegável durante o maior período possível em cada ano. Considerando que o 6º Batalhão de Engenharia de Construção, responsável direto pela conservação e manutenção da estrada em todo o seu percurso, concentrou o seu principal efetivo nas obras de levantamento do "graid" da estrada nas proximidades do rio Abonari, o trecho ruim da reserva indígena deverá permanecer inalterado pelo menos até meados de outubro. Nessa época presume-se que os recursos para o asfaltamento do trecho Mucajá - Caracará tenham chegado, e o Batalhão deverá remanejar pessoal e máquinas para atacar essa obra. Na passagem, os atoleiros poderão ser recuperados, numa operação que certamente dará muito trabalho e que, por certo, causará a interdição do trecho durante um período ainda não estimado.

OS ÍNDIOS ATROARI

Há dez anos atrás, quando o então vice-presidente da República, general Adalberto Pereira dos San-

tos, representando o presidente Ernesto Geisel, inaugurou a rodovia BR-174, tropas do Exército ocuparam, dias antes, uma extensa área dentro da reserva, fazendo uma espécie de cinturão de isolamento da área escolhida para dar lugar à solenidade de inauguração. O local escolhido, onde se construiu um monumento em pedra da própria região, levou o nome de Equador. Por ali passa a linha imaginária do Equador, dividindo os hemisférios norte e sul. No dia da inauguração, enquanto autoridades de Roraima e do Amazonas, além de centenas de convidados especiais, assessores da presidência da República e jornalistas de todo o país eram atraídos, as tropas militares - falou-se na época em 2.500 soldados - forte-

sensivelmente para a diminuição desses povos.

Durante os dez anos que se sucederam a abertura definitiva da BR-174 os dois grupos indígenas têm sentido a necessidade de se aproximarem dos brancos, e a prova disso pode-se ver hoje, ao longo dos 100 quilômetros da reserva, algumas malocas situadas muito próximo da margem da estrada. Apesar de sua compleição física ser forte, o que os difere muito de outros grupos indígenas do Território, os waimiri-atroari também são facilmente contaminados por doenças como a gripe e o sarampo, que causam grande mortalidade infantil nas tribos.

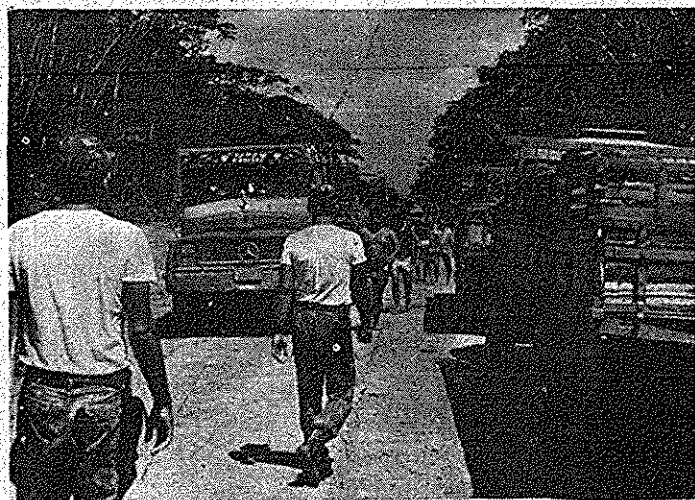
Com a morte do Cacique Comprido há cerca de quatro anos, os índios atro-

ari ficaram sem o líder guerreiro e permitiram, então, que o processo de aculturação da FUNAI progredisse, muito embora haja alguns tuxauas entre os dois grupos que concordam com determinadas atitudes dos chefes dos postos indígenas da região. A comprovação desse fato foi o caso recente em que se envolveu o chefe do posto do Alalaú, indigenista Raimundo Nonato (ex-Boa Vista) que pouco não foi sequestrado pelos waimiri, que reclamavam falta de assistência da FUNAI, e da superproteção que Nonato estaria dando aos atjarí.

Na realidade, a FUNAI continua tratando os índios como animais selvagens, e não permite que nenhum branco se aproxime deles. Durante a visita

pliar do jornal "A Crítica", de Manaus, que defendia a empresa Paranapanema de mineração, que atua em área próxima à reserva. Com essa intervenção, os índios tornaram-se agressivos e imediatamente impediram que a foto fosse feita e não quiseram sequer conversar mais em português com o jornalista. Um deles, entretanto, bem mais jovem que os demais, com aproximadamente 11 anos, reclamou que o chefe do posto havia tomado o seu relógio de pulso, com o qual já estava

acostumado, e denunciou que "há muitos irmãos com doença feia lá na tribo, e por isso eu não quero ir para lá, prefiro ficar aqui, mas quero o meu relógio" - concluiu o menino atroari. Há dez anos atrás nenhum daqueles índios falava português ou se aproximava gratuitamente de um branco. Hoje, eles estão bastante aculturados, mas tremendamente dependentes da FUNAI e de assistidos pelo órgão, apesar de haver muito minério precioso em suas terras.



Na área da Reserva Indígena os caminhoneiros continuam trafegando em comboios, não mais por causa dos índios, mas devido aos atoleiros.

mente armados - faziam um trabalho inverso, afastando os índios waimiri-atroari quilômetros e quilômetros dentro da selva. A preocupação, na época, era com a possibilidade sempre presente de um ataque dos índios, como ocorrera várias vezes no ano anterior, quando os waimiri-atroari dizimaram caravanas de antropólogos, cineastas, indigenistas e funcionários da FUNAI, sob a liderança de um guerreiro conhecido como "o Cacique Comprido", um índio de quase 1,90m, compleição física forte, decisões rápidas e personalidade marcante. Ele realmente liderava os atroari, que por sua vez nunca se deram muito bem com seus irmãos waimiri. Até hoje as duas tribos lutam entre si, o que contribui

ri ficaram sem o líder guerreiro e permitiram, então, que o processo de aculturação da FUNAI progredisse, muito embora haja alguns tuxauas entre os dois grupos que concordam com determinadas atitudes dos chefes dos postos indígenas da região. A comprovação desse fato foi o caso recente em que se envolveu o chefe do posto do Alalaú, indigenista Raimundo Nonato (ex-Boa Vista) que pouco não foi sequestrado pelos waimiri, que reclamavam falta de assistência da FUNAI, e da superproteção que Nonato estaria dando aos atjarí.

Na realidade, a FUNAI continua tratando os índios como animais selvagens, e não permite que nenhum branco se aproxime deles. Durante a visita

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : *tribuna de Roraima*

CLASS. : *326*

DATA : *18 09 87*

PG. : *Capa*

RESERVA INDÍGENA, UM DIFÍCIL TRECHO DA BR



O Exército e os waimiri-atroari, mostrando que hoje há uma perfeita integração dos índios à comunidade local.

A reserva dos índios waimiri-atroari é o trecho mais perigoso da BR-174. Com 2.440.000 hectares, ela abriga não mais de mil pessoas. Tem início na ponte so-

bre o rio Alalaú, exatamente na divisa entre o Território de Roraima e o Estado do Amazonas. Ali começam os atoleiros maiores que resultam dos problemas que o

governo daquele Estado precisa resolver para manter a estrada trafegável durante o maior tempo possível. O repórter Péricles Perruci mostra essa realidade. Pág 5.